

Sida e Falsa Inocência

A epidemia da SIDA tem as suas raízes em certas formas de comportamento humano, e é este comportamento que mantém e aumenta a epidemia.

Porque é que Magic Johnson é retratado pela comunicação social como um certo tipo de herói moral, um modelo para os mais novos? O Sr. Johnson, um jogador de basquetebol com um talento extraordinário, é HIV positivo, devido — segundo o mesmo — a um comportamento sexualmente promíscuo com mais de 200 mulheres. Uma, ou algumas destas mulheres, estavam infectadas com o vírus HIV. Como resultado, uma carreira brilhante ficou pelo caminho, assim como uma vida. É uma história triste, para a qual a compaixão e a piedade são respostas apropriadas. Mas é também uma história sórdida de um homem derrotado pelo apetite sexual descontrolado. Porque nos pedem que o encaremos como uma vítima inocente que lida de forma corajosa com a adversidade?

Existem vítimas inocentes, seguramente. Há pessoas infectadas com o vírus HIV pois receberam transfusões de sangue contaminado. Outras contraíram a doença dos seus maridos ou namorados bissexuais e transmitiram aos seus filhos. E há ainda todos os tóxico-dependentes que usaram agulhas contaminadas — no entanto, como são também transmissores activos do vírus para os seus parceiros sexuais, existe algum fundamento para questionar a sua inocência.

UM HOMEM INSENSATO E SEM ESCRÚPULOS

Em qualquer caso, o Magic Johnson não pode reclamar o estatuto de vítima inocente. Ele sabia, ou deveria saber, o risco que corria. É mesmo muito provável que nas suas aventuras promíscuas, tenha infectado outros, directa ou indirectamente. É um homem insensato e sem escrúpulos, que não merece qualquer tipo de referência de carácter. Mas porque nos é apresentado como uma pessoa tão clamorosa, merecedora de respeito — e até de adoração?

Esta questão é parte de uma questão mais ampla. Porque são todas as vítimas da SIDA tratadas como vítimas inocentes quando muitos são responsáveis pela sua condição através das suas próprias acções? É esta ideia de inocência, associada à SIDA, que legitima todas as festas de celebridades para a recolha de fundos para ajudar as vítimas da doença. Da mesma forma, é esta ideia de inocência que incentiva as próprias vítimas a organizar mostras públicas, exposições e protestos — todas alvo de atenção respeitosa da comunicação social, dos nossos políticos, dos nossos educadores. E, claro, é esta ideia de inocência que estimula exigências estridentes de um maior investimento na pesquisa contra a SIDA, apesar da pesquisa sobre a SIDA ser generosamente melhor financiada do que a pesquisa sobre o cancro,

que regista um número mais elevado de vítimas.

O que é que a SIDA tem de tão especial que as suas vítimas são encubadas em inocência e dotadas de uma correcção indignante? Apesar de tudo, a SIDA não é nenhuma doença exótica que ataca de forma aleatória. A epidemia da SIDA tem as suas raízes em certas formas de comportamento humano, e é este comportamento que mantém e aumenta a epidemia.

A SIDA é uma doença venérea que parece ter nascido da relação anal homossexual. Porquê e como isto aconteceu permanece um enigma, uma vez que tal prática sexual existe desde sempre, enquanto que a doença é (ou aparenta ser) nova. O que não é um enigma é porquê temos uma epidemia da SIDA — porquê a doença se espalhou tão depressa e reclamando tantas vítimas.

O carácter epidémico da doença começou primeiro por força da promiscuidade homossexual e tem sido acelerado pela promiscuidade sexual em geral, pois as mulheres vitimadas tornaram-se elas próprias portadoras. Na ausência de tal promiscuidade sexual ainda existiria SIDA, mas nada como uma epidemia da SIDA.

A ligação aritmética entre SIDA e promiscuidade é óbvia. Quanto mais promíscuo, maior o risco de ser HIV positivo. Os casais monogâmicos — sejam homossexuais ou heterossexuais — correm pouco risco. Uns poucos encontros sexuais aumentam o risco, mas mantêm um nível modesto. Um número maior de encontros sexuais significa um risco muito maior. Um elevado número de encontros sexuais é uma receita quase certa para a SIDA. Uma das razões pelas quais os homossexuais são muito mais vulneráveis ao vírus da SIDA é porque, devido a razões que não são claras, os homossexuais têm tendência para ser significativamente mais promíscuos do que os heterossexuais. Ou, pelo menos, tinham.

No entanto, não se encontra nenhuma referência à relação entre promiscuidade sexual e SIDA na comunicação social e entre os nossos educadores. É repreendida porque pode acarretar um juízo de valor — isto é — ter uma conotação moral. Quando recentemente a Newsweek publicou uma história de capa sobre a SIDA entre adolescentes, contava a triste história de uma rapariga de 18 anos que, ao terminar o ensino secundário, desejava uma carreira militar. Os testes, no entanto, revelaram que era HIV positiva. Os médicos vieram a descobrir que nos doze meses anteriores, ela tinha tido encontros sexuais com 24 homens diferentes. E o que disse a Newsweek de tal promiscuidade? Nada, absolutamente nada. Relatou os factos mas evitou qualquer sugestão de que ela tinha tido um comportamento errado. O tom do artigo insinuava que o seu erro residia em não insistir que aqueles homens não praticassem “sexo seguro”.



Neoconservadorismo:
Autobiografia de uma ideia
Irving Kristol



Constitui alguma surpresa o vírus HIV estar a alastrar-se entre adolescentes? Em Washington, D.C., dois terços dos rapazes do décimo ano e um quinto das raparigas do mesmo ano dizem terem tido recentemente quatro ou mais parceiros sexuais. Estes jovens são uma amostra de recrutamento para a nossa população com SIDA. Confrontados com a SIDA, os educadores apenas se lembram de distribuir preservativos e apelar ao “sexo seguro”. Homens e mulheres tão informais com o sexo não tendem a ser escrupulosos com os detalhes.

Em geral, há a noção de que os homens e as mulheres, especialmente os jovens homens e mulheres, no momento de excitação sexual, lembrar-se-ão sempre de observar alguns momentos de distanciamento clínico que os leva a uma acção de prevenção - suspeita-se que os propagandistas do “sexo seguro” perderam contacto com o mundo real do comportamento apaixonado. Uma atitude tão empresarial face ao sexo pode prevalecer entre alguns (mas seguramente não todos) os adultos. Tem pouco a ver com a maioria dos americanos, que praticam “sexo seguro” limitando o número dos seus parceiros sexuais.

Mas porque é que nos nossos programas de educação sexual, assim como na nossa cultura popular, os perigos da promiscuidade são raramente mencionados? O argumento contra o ensino da castidade, “irrealista” no clima cultural “libertado” de hoje — uma tese que pode ser debatida, alguns diriam — não vinga para a promiscuidade. Pode-se ter uma visão tolerante e benigna do sexo entre os jovens — tal como os professores de educação sexual têm — mas frisando a vantagem da fidelidade sobre a promiscuidade. Mas a ideia de fidelidade, tal como a ideia de promiscuidade, não tem lugar na educação do “sexo seguro”. As próprias palavras são meticulosamente evitadas, assim como as ideias.

O que está a aqui a ser manobrado não é ciência, e não é educação propriamente entendida, mas ideologia. Há cem anos que a abordagem liberal-progressista tem, como uma das suas premissas básicas, a crença na inocência original da natureza humana e um ressentimento profundo contra as “distorções” que a sociedade e os seus valores tradicionais

impuseram. Uma tal distorção é a “repressão sexual”, que leva a todos os tipos de neuroses, todos os tipos de comportamentos aberrantes, todos os tipos de problemas sociais. Uma vez que é a sociedade que causa esta situação, não devemos esperar que os indivíduos sejam capazes de um comportamento responsável. Estaríamos a “culpar a vítima”.

A LIBERTAÇÃO DOS VALORES

Da mesma forma, a ligação bem estabelecida entre a promiscuidade homossexual e a SIDA deve ser ignorada, a menos que uma tendência a favor dos “valores familiares tradicionais” entre no discurso político. A libertação de tais valores e uma redescoberta da inocência original da humanidade são precondições necessárias para atingir a visão liberal-progressista de um mundo mais decente e mais humano.

É para garantir esta visão que pessoas razoáveis estão a distribuir preservativos a miúdos de catorze anos — algo que, no passado, seria visto com absurdo. Mas a SIDA trouxe um elemento novo, destrutivo, a esta visão, que pode desafiar os próprios fundamentos do liberalismo progressista. E é por isso que a SIDA tornou-se objecto especial de tratamento compassivo, generoso, na nossa cultura e política. As vítimas da SIDA são, na verdade, as vítimas da ideologia liberal-progressista, que está a mobilizar a opinião em sua auto-defesa.

É justo dizer que uma “culpa liberal” nunca foi merecida de forma tão honesta. ●

Porque é que nos nossos programas de educação sexual, assim como na nossa cultura popular, os perigos da promiscuidade são raramente mencionados?